

## O Diálogo (necessário) entre a Universidade e o Ensino Básico

<sup>1</sup>Maria de Fátima Oliveira - UEG

### Resumo

Segundo Paulo Freire, o diálogo só acontece entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos. Há diálogo somente quando os envolvidos se ligam com amor, humildade, esperança, estabelecendo uma relação de simpatia entre ambos, de fé no outro, fazendo-se críticos na busca de algo. Portanto, esta comunicação vem ao encontro do pensamento de Freire, no sentido de defender que um passo fundamental em nossa realidade complexa de ensino, é o diálogo contínuo e direto entre a universidade e o ensino básico, visando à troca de experiências e a busca de soluções para os problemas que ora enfrentamos. Nesse sentido, esse diálogo precisará perpassar todo o processo de formação do professor, desde sua formação inicial e persistir na formação continuada.

### Diagnóstico

A escolha da temática do IV EDIPE, “*Para uma realidade complexa, que escola, que ensino?*” chega em uma hora propícia para instigar esse diálogo. Não há dúvida de que nossa realidade escolar atual é complexa, e acredito que é no pensar, repensar e reinventar a escola e o ensino que conseguiremos avançar em nosso fazer cotidiano tanto na universidade quanto nas escolas de ensino básico, num constante diálogo e articulação entre teoria e prática

---

<sup>1</sup> Doutora em História (UFG), Professora de Didática e metodologia do Ensino de História e Estágio Supervisionado na Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Quando se procede a um diagnóstico da educação básica no Brasil é impossível negar seus avanços nas últimas décadas. Mas, no embate do dia a dia na sala de aula, podemos constatar que em parte, muitas das reclamações de nossos colegas em outras épocas, sobre o desleixo com a educação, ainda encontra eco nos dias atuais.

Os avanços podem ser verificados em aspectos como: conquista do direito à educação básica, garantida constitucionalmente; políticas voltadas para a capacitação de professores; trabalhos elaborados por comissões como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a avaliação de livros didáticos; inúmeros eventos científicos voltados para a educação, núcleos de estudos e grupos de trabalhos (GTs); publicações etc.. Mas o que se observa é que ainda há um descompasso imenso entre o que se pretende como mudanças e os resultados práticos alcançados. Persiste, por exemplo, a questão do não envolvimento de importantes segmentos da sociedade nas discussões e decisões políticas para a educação, e a não participação dos setores mais interessados na elaboração de políticas educacionais, gera certa falta de comprometimento na efetivação das mesmas.

Dentre os problemas que temos observado, podemos constatar que persiste entre as duas instâncias carência de um diálogo franco e profícuo. São muitos os exemplos de embates entre os profissionais do ensino “superior” e os do ensino básico. Outros problemas tão maléficos quanto o primeiro são as difíceis condições de ensino/aprendizagem nas escolas públicas e a falta de incentivo e condições de trabalho aos professores do ensino básico, como excessiva carga horária e baixa remuneração.

#### O Diálogo na Formação inicial e na Formação Continuada

Durante a formação inicial, a aproximação e o diálogo entre as duas instâncias têm possibilidades de maior estreitamento principalmente através do estágio supervisionado. Entretanto, na formação continuada, algumas ações são necessárias para se garantir esse diálogo continue acontecendo, quando não há mais vínculo formal entre o licenciado e a instituição universitária.

Portanto, parto do pressuposto de que o diálogo entre universidade e ensino básico é ainda muito acanhado, e, devido à sua importância, o mesmo carece de maior atenção. Quando se constata a existência de algum diálogo, de que forma ele se apresenta? Ele é harmonioso e profícuo ou costuma ser conflituoso e estéril?

Diante de diversos problemas como intensa carga horária, baixos salários, etc, como o profissional pode se dedicar a uma formação continuada?

Segundo Barille,

*Formação contínua (ou em serviço) “De forma geral, trata-se de um processo contínuo e dinâmico, envolvendo cooperação pedagógica entre professores-orientadores, professores e demais profissionais do ensino, com assessoria permanente (presencial ou à distância) das agências formadoras, com vistas a uma aplicação práticosocial, elevando o nível de atuação profissional bem como o nível do ensino escolar.” (BARILLI,1998, p. 43).*

No que se refere às políticas educacionais das últimas décadas, embora muito se tenha proposto nesta área, os sujeitos históricos mais interessados e afetados, e a quem estas políticas educacionais são direcionadas, geralmente são também os excluídos dos debates e decisões. Segundo Zeichner, apesar

“... das recentes reformas levadas a cabo sob a bandeira da emancipação dos professores, muitas das investigações feitas no campo da educação permanecem uma atividade conduzida pelos que estão fora da sala de aula para os que estão dentro. Quando levados em conta, os professores são vistos como simples consumidores destas investigações (ZEICHNER, 1993:17).

A formação contínua deve ser vista como tão importante quanto à formação inicial, pois seus objetivos devem ser a preocupação com uma contínua atualização, qualificação e capacitação do docente para que sua prática esteja coerente com os avanços teórico-metodológicos e domínio dos conhecimentos da área em que atua. Visa à superação de problemas e lacunas da sua formação inicial, devido à emergência de novos saberes de sua área de conhecimento. Projetos ou iniciativas que levem em conta a formação continuada podem ser o locus privilegiado para o diálogo entre universidade e escola do ensino básico.

Projeto de Extensão: uma experiência de diálogo entre a universidade e o ensino básico

O curso de extensão, “A História além da sala de aula” encontra-se em sua 4ª Edição, é uma realização do Laboratório de História (LABORHIS) da UnUCSEH da UEG. É uma ação que está direcionada aos professores do ensino básico, prioritariamente educadores das escolas-campo de Anápolis (locais onde os graduandos do curso de História da UnUCSEH desenvolvem seu estágio) e aos licenciandos do Curso de História.

Tal iniciativa se efetivou visando estreitar os laços entre a universidade e o ensino básico e diminuir a defasagem do modo de se ensinar História diante das mudanças ocorridas na produção do conhecimento histórico. E é uma iniciativa que visa também repensar as práticas correntes das aulas de História no Ensino Básico. Se do século XX para cá a escrita da História conheceu transformações que estão relacionadas à exploração de novas fontes, novos objetos e novas abordagens, o ensino da disciplina História não tem acompanhado essas transformações, ou seja, não conseguiu incorporar tais inovações na prática da sala de aula. Essa defasagem pode ser diminuída por ações que visem uma aproximação tanto entre a teoria e a prática da História como entre a universidade e as escolas de ensino básico.

Os objetivos que se buscou alcançar com a oferta de tal curso são: propiciar uma interação continuada entre a Universidade e as escolas públicas de ensino básico e possibilitar a prática do ensino associado à pesquisa e extensão, integrando Didática, Docência e Pesquisa tanto na formação de futuros professores (graduandos do curso de História da UEG) quanto na ação dos que já são docentes atuantes nas escolas onde o

estagiário atua; inovar a prática educativa pela aproximação teoria e prática e conquistar níveis de competência pedagógica que permitam uma prática educativa inclusiva; viabilizar uma aprendizagem significativa, incentivando o educador a uma postura crítica para participar e transformar sua realidade social; propiciar o conhecimento e discussão das múltiplas abordagens didáticas valorizando os saberes reflexivos do educador e do educando e incorporar novas “linguagens” às aulas de História no Ensino básico.

A experiência com este curso tem demonstrado que é possível estreitar os laços entre universidade e escolas do ensino básico, de forma a possibilitar a troca de experiências entre os docentes do ensino básico, professores e licenciandos do curso de História da UEG, estimulando-os a praticar um ensino de História mais crítico, democrático e prazeroso.

#### Considerações Finais

Como professora das disciplinas Didática e Metodologia do Ensino de História e Estágio Supervisionado, tenho refletido sobre as possibilidades de estreitar os laços entre a universidade e as escolas de ensino básico, e uma iniciativa que vejo como capaz de produzir alguns resultados nesse sentido é a oferta, por parte da universidade, de cursos de extensão direcionados aos professores do ensino básico.

Mas temos consciência de que, embora iniciativas dessa natureza sejam importantes, práticas isoladas não conseguem dar conta dos problemas que ora enfrentamos na escola, no ensino. Sabemos que é necessário muito mais, como por exemplo, políticas continuadas voltadas para a educação básica, valorização docente, melhoria e acesso aos recursos didáticos, bibliotecas bem equipadas, laboratórios de ensino e, principalmente, a contínua e eficiente capacitação docente...

Portanto, para mudar a escola e transformar o ensino, para a escola e o ensino que queremos e que precisamos, é necessário o envolvimento de todos os interessados, a saber, discentes, docentes, pais, corpo administrativo, órgãos educacionais oficiais, etc, visando a construção de propostas que atendam a atual realidade escolar.

É preciso que haja, por parte dos órgãos competentes e comprometidos com o ensino em todos os níveis, disposição, iniciativa e principalmente apoio e entendimento da necessidade de envolver os professores nas discussões e decisões sobre esse mesmo ensino. É preciso provocar inquietação, curiosidade e disposição para a participação, para a busca, para a pesquisa e colocar de fato em prática a trilogia, ensino, pesquisa e extensão. E que os envolvidos se liguem com humildade e esperança, estabelecendo uma relação de simpatia e de confiança um no outro. E, se não puderem ser iguais, que sejam diferentes (isso é aceitável e até louvável), mas que não sejam antagônicos!

#### Referências

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. *Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2003.

BARILLI, E. C. V. Formação continuada de professores: por quê? como? e para quê? *Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro: ENSP*, v. 26, n. 143, p. 43-46, out./nov./dez. 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE).

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO BÁSICO (DCNEB).

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de Ensino de História*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GADOTTI, Moacir, FREIRE Paulo, GUIMARÃES, Sergio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo, Cortez, 2009.

KARNAL, Leandro (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

NIKITIUK, Sônia (org.). *Repensando o Ensino de História*. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da nossa época).

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ZEICHNER, Kenneth M. A Formação Reflexiva de Professores: idéias e práticas. Lisboa: EDUCA, 1993.